

DELICADEZA E RESISTÊNCIA

A sensibilidade estética da obra de Rubens Ianelli nos convida a pensar sobre as situações históricas e culturais que demarcaram os seus caminhos. Falar desse artista e de suas andanças significa compreender que o seu trabalho é feito a partir de experiências cultivadas em um espaço de tempo intersticial, que mescla o ambiente paulistano da arte entre os anos 60 e 80 aos processos dialéticos instaurados pelo seu caráter.

Rubens iniciou a sua formação artística na infância ao lado de artistas como Volpi e Lothar Charoux, amigos próximos de seu pai Arcangelo Ianelli e do pintor Thomaz Ianelli, seu tio¹. Mais tarde cursou a faculdade de arquitetura. De outro lado, a sua vida desdobrou-se nas artes e em ativismos políticos em viagens pelo Brasil e exterior.



O Labirinto | detalhe | p. 16-17

O resultado destes deslocamentos é uma visualidade que remete ao geometrismo indígena, aos símbolos de civilizações arqueológicas e à figuração pré-colombiana. Seu imaginário também é fruto de observações nos anos 70, quando entra em contato com a Geometria Sensível².

A militância política começa a partir de 1973, quando ingressa na arquitetura. Rubens desperta para a saúde a partir de uma viagem ao sertão e ao sul da Bahia, em 1978, quando um amigo lecionava a partir do método Paulo Freire. O artista ficou um tempo por lá: viu a miséria e a penúria das gestantes para parirem, crianças que morriam de disenteria. Inquieto, ingressou na faculdade de medicina.

◀ Hélice | têmpera sobre tela | 180 x 140 cm | 2021

Enquanto cursava medicina também desenhava, fazia colagens e ganhou alguns prêmios em salões de arte. Convidado para a Bienal do México em 1990³, tomou um trem na Estação da Luz em São Paulo e foi para lá recém-casado. Típico jovem dos anos 1970, viajou com a mulher de todos os modos imagináveis e atendeu aos apelos políticos de sua geração.

Chegando à Nicarágua, trabalhou na frente sandinista e depois seguiu a pé para a Guatemala até alcançar o México, onde o casal ganhou a vida fabricando doces para hotéis. A Bienal do México ficou para trás.

Volta ao Brasil descendo o rio Solimões até chegar em São Paulo. A partir de 1993 participa de uma pesquisa antropológica com profissionais da USP, conhece a medicina tradicional Xavante e atua por sete anos junto às populações indígenas amazônicas.

Após um mestrado em saúde pública na Fiocruz, entre 1995 e 1997, é convidado a coordenar uma equipe no centro do Acre⁴, em Tarauacá. Esse foi o ano mais difícil de sua vida. Condições climáticas erráticas, naufrágio, acidentes na floresta, infecções e riscos de vida o deixaram sem tempo para a arte. O médico nessas regiões desamparadas trabalha 24 horas por dia. Quase não dorme, as demandas são intensas. Em contrapartida conheceu 40 aldeias e teve sob seu cuidado mais de 2.000 índios de cinco etnias diferentes.

Rubens voltou para São Paulo em 2001 e a partir daí só se dedica às artes visuais. A potência de suas criações reside na multiplicidade de linguagens como a pintura, a escultura e o desenho. São muitas as suas referências: artistas como Picasso, Miró, Klee, Volpi, Ianelli e a geometria dos desenhos indígenas, povoam o seu universo que abrange arquiteturas, cidades

encantadas, tudo perpassado pela poesia do traço e pela intensidade das cores, assinaladas em cada obra.

Na sucessão de idas e vindas em sua trajetória evidencia-se o hibridismo. De um lado o trabalho dialoga com as abstrações orgânicas e com a geometria do modernismo. De outro lado, a contemporaneidade da obra alude à memória de um apagamento que não se fez apenas pela ação do tempo, mas pela ação dos homens sobre o eixo sul do planeta.



Ondas | detalhe | p. 30-31

O artista criou um vasto repertório simbólico que nos remete a tradições ancestrais. Ao operar no resgate da memória Latino Americana ele reafirma o seu universo dialético, forjado já na infância: “Um dia meu pai voltou do Peru com

aquelas cestas de feira cheias de cerâmicas e tecidos pré-colombianos e eu fiquei siderado”⁵, diz o artista.

Segundo o teórico Andreas Huyssen, nos anos 80 emergiram pesquisas culturais que colocaram em perspectiva transnacional os discursos da memória, que retomavam questões pós-coloniais e periféricas. Além de debates sobre o Holocausto, o mérito destas pesquisas foi avançar para além de uma história hegemônica, focada apenas nos continentes europeu e americano.

O binômio história/memória voltou-se aos africanos, à América Latina e a outros povos, de linguagens e histórias relegadas ao esquecimento e à aniquilação. Esse foi o início de uma historio-

grafia que contemplava questões de memória coletiva. É desse lugar que proponho atualizar a análise e o estudo da obra de Rubens lanelli, que tem como foco central a memória latino-americana desde os seus primeiros esboços⁶, ainda adolescente.

Na evolução visionária ao redor do imaginário geométrico, o artista se antecede ao tempo atual via uma atitude decolonial em sua obra já no final dos anos 60, quase vinte anos antes dos estudos pós-coloniais se voltarem a uma nova historiografia. Nesse ponto podemos perceber como ele coloca em xeque a temporalidade em relação ao espaço global.

Para Didi-Huberman, estar diante de uma imagem é estar diante do tempo. Interrogar estas pinturas de Rubens lanelli realizadas em 2021 é indagar sobre o tempo atual, feito e desfeito em palimpsestos, camadas quase arqueológicas de tradições que se sobrepõem. Nessa exposição o artista constela os ecos dos tempos modernos no presente. É a história do modernismo latino-americano que perpassa suas telas, tratadas com a máxima delicadeza.

Tempo sem fim, tempo estendido na paleta elegante de cromatismos básicos do mural italiano. Ocre, brancos, terra índia, verde, negro fumo, em camadas e pinceladas onde óleos e têmperas repousam sobre a estrutura das grandes ortogonais, traçadas antes dos pigmentos pousarem sobre as telas. As figuras evocam civilizações Incas, Maias, Aztecas, Pré-Colombianas e indígenas.

Mergulho imersivo nas horas, aperfeiçoamento e superação das lições de um passado recente da nossa História da Arte. Destreza ao aplicar a têmpera, delicadeza gestual da pincelada e domínio do desenho – menos visível agora – sempre presente em sua obra.

Rubens lanelli reconta a história de um continente à margem, em três conjuntos de obras nessa mostra de desenhos e pinturas.

Dos quadrados e triângulos vêm as cidades, acesas por uma luminosidade ora velada, ora animada por laranjas e amarelos. Dos povos indígenas vêm as setas, a compor ficções que aludem a civilizações de outrora. E dos mares vêm as ondas, que se esvaem nas brumas dos movimentos fluidos. Tudo sob o trato sensível de minipinceladas. Afinal sensibilidade é política de resistência, pois refaz em pequenas narrativas uma história fora do eixo.

Daniela Bousso

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Devant les temps*. Paris: Les Editions de minuit, 2000.

Geometria Sensível. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3788/geometria-sensivel>. Acesso em: 1 agosto 2021. Verbete da Enciclopédia.

HUYSEN, Andreas. *Culturas do Passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio, 2014.

MUSEU AFRO BRASIL. (Org.) Rubens lanelli. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

NOTAS

1 Desde cedo Rubens aprendeu a dominar o desenho e a pintura em casa, num vaivém de pessoas como Fiaminghi, Volpi e Lothar Charoux, amigos próximos de seu pai Arcangelo Ianelli e o pintor Thomaz Ianelli, seu tio, que conversavam sobre arte: cor, linha, desenho, cozinha da pintura a óleo e a têmpera, da qual Volpi ensinava a receita para quem quisesse saber.

2 No final dos anos 1970, a Geometria Sensível começa a ganhar força entre nós com a realização da mostra “Arte Agora III, América Latina: Geometria Sensível”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ em 1978. Sob curadoria de Roberto Pontual, expuseram artistas latino-americanos em busca de uma expressão especificamente latino-americana, segundo o crítico Juan Acha (Enciclopédia Itaú Cultural). Em 2001 o artista conhece a obra do pintor uruguaio Joaquín Torres Garcia e sua prática com a Geometria Sensível.

3 Em 1990 é convidado a participar da Bienal do México.

4 Rubens vai para o Acre em 2000, durante o Ministério de José Serra na gestão Fernando Henrique Cardoso, como chefe de equipe técnica.

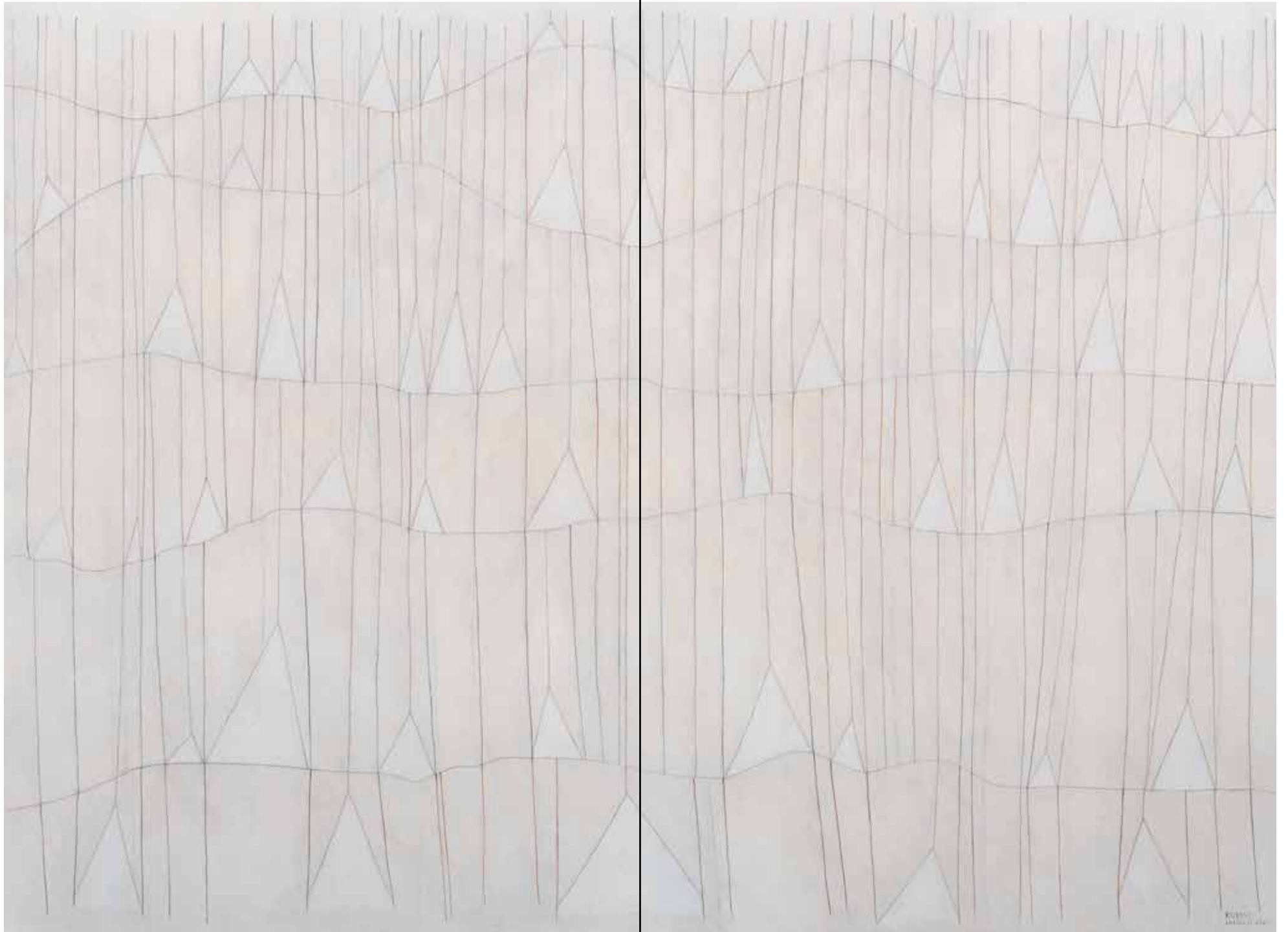
5 Depoimento do artista à autora em 20/05/2021.

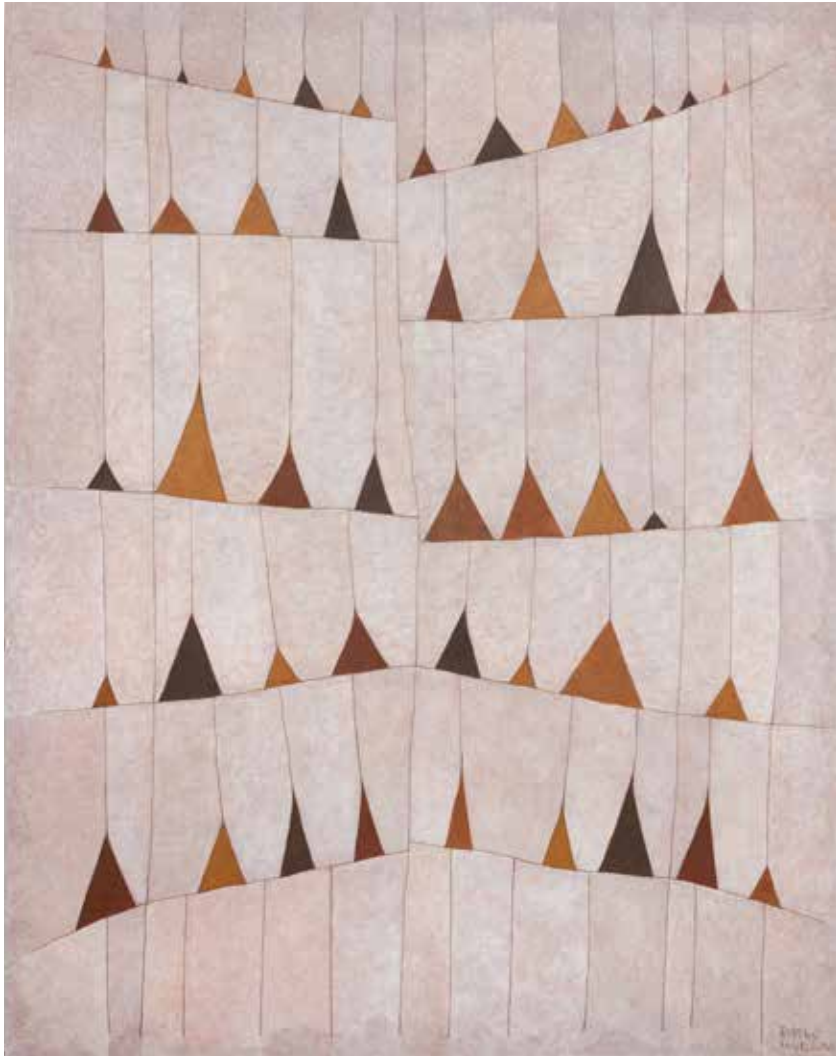
6 Ao voltar de uma viagem à Europa em 1967 – morou em Paris e Roma com a família – traz uma série de desenhos, com características presentes até hoje em sua obra e já em São Paulo inicia a série de totens em madeira, pintados com figuração geométrica.



Mar azul | detalhe

Mar Branco | têmpera sobre tela | 140 x 180 cm | 2021 ▶

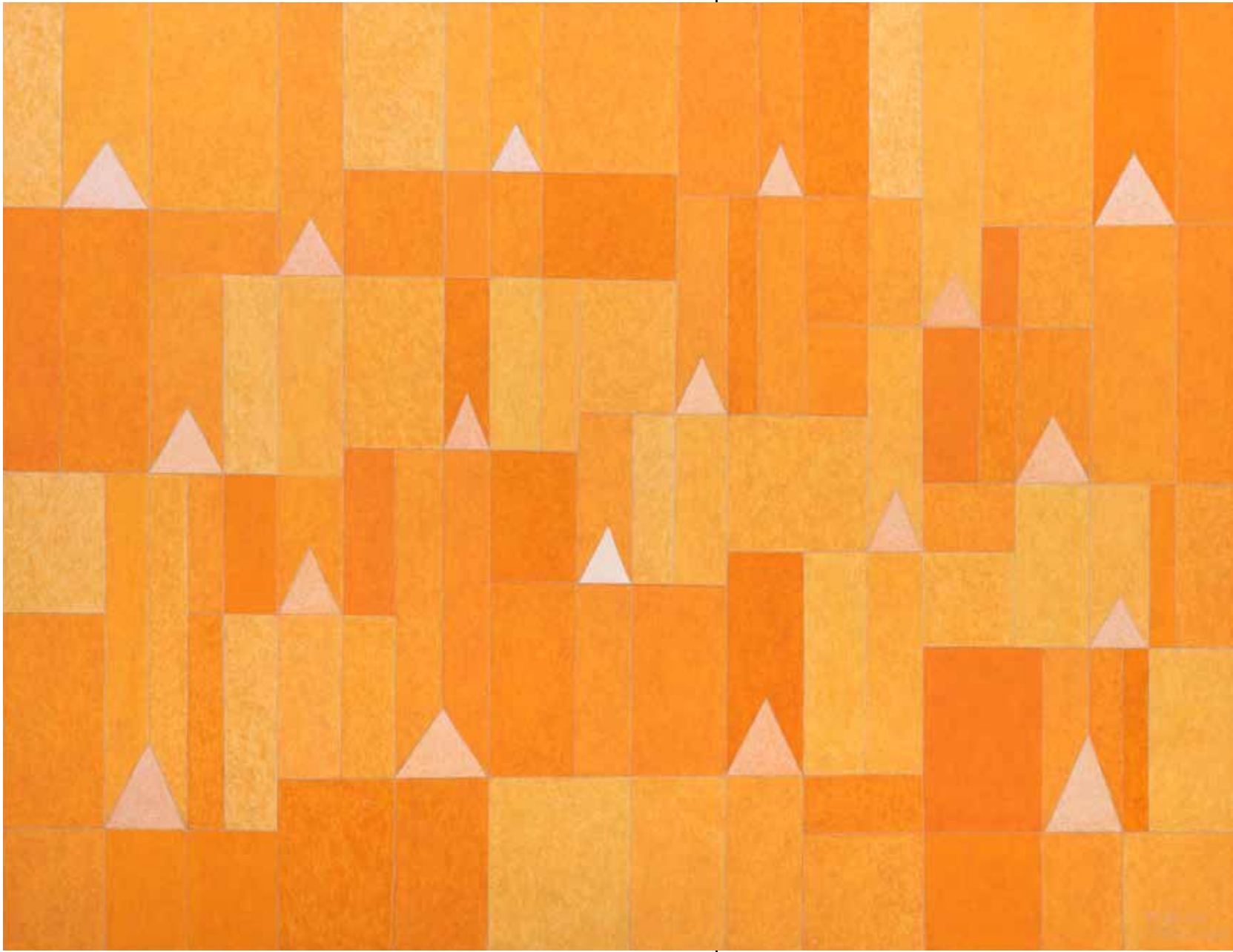




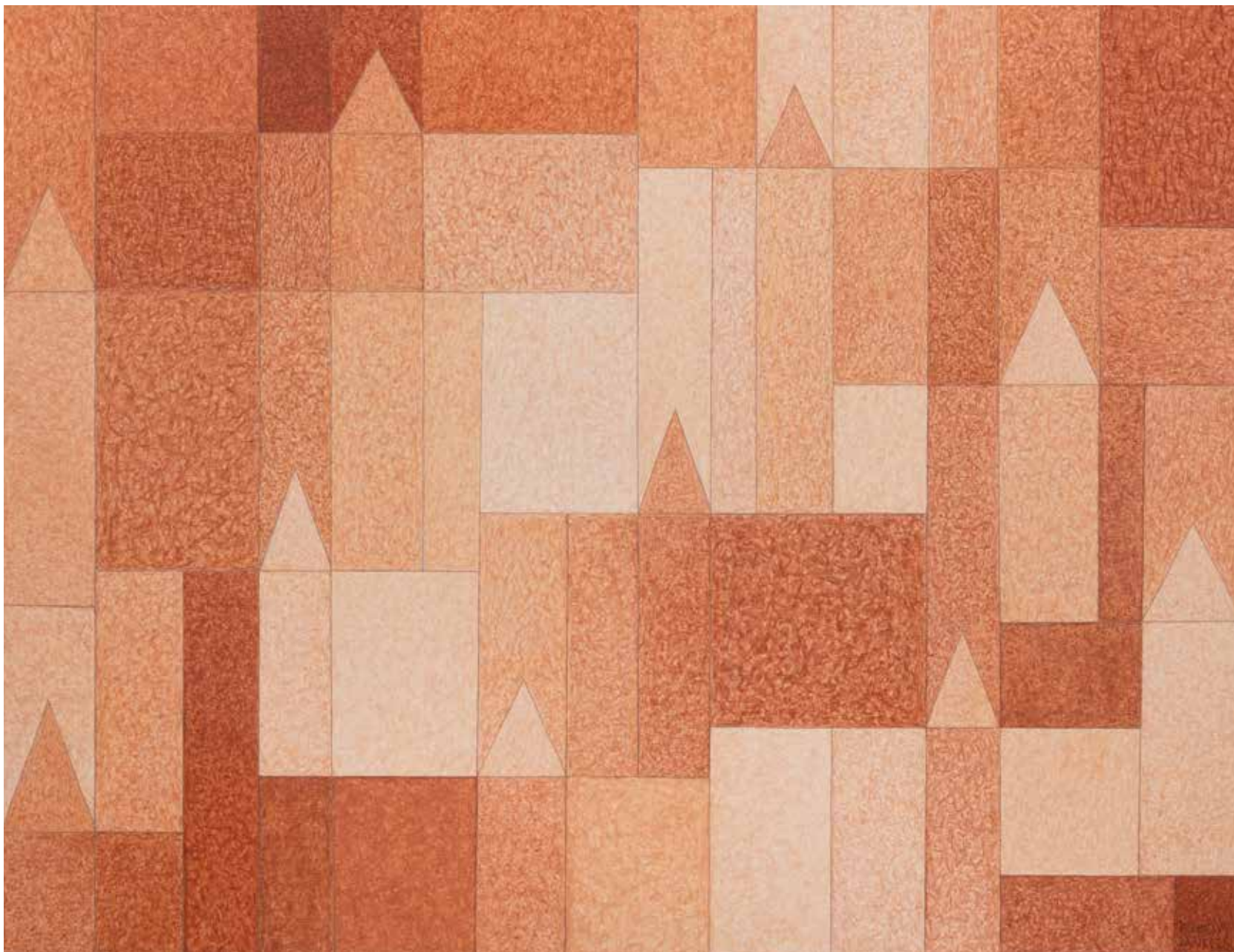
Terra | óleo sobre tela | 160 x 145 cm | 2021



Até quando? | óleo sobre tela | 180 x 145 cm | 2021



Laranja | têmpera sobre tela | 100 x 130 cm | 2021



O Labirinto | têmpera sobre tela | 100 x 130 cm | 2021
O Chique | têmpera sobre tela | 110 x 140 cm | 2021 ▶



KUENIG
MADE IN USA



Olhos de Mar | têmpera sobre tela | 130 x 180 cm | 2021



Sem Título | pastel seco sobre papel | 49 x 64 cm | 2020





Sem Título | pastel seco sobre papel | 49 x 64 cm | 2020



Lanças | óleo sobre tela | 180 x 140 cm | 2021



Ibeji | têmpera sobre tela | 100 x 80 cm | 2021

Ondas | têmpera sobre tela | 130 x 180 cm | 2021 ▶



KUPPA
ARTS



Mar azul | têmpera sobre tela | 110 x 130 cm | 2021

Rubens Vaz Ianelli nasceu em São Paulo em 22 de abril de 1953. Sua infância foi no bairro de Vila Mariana, onde conviveu, desde sempre, nos ateliês do pai, do tio, dos amigos deles. Em 1965 partiu com a família numa viagem de dois anos pela Europa. Como já tinha uma fascinação pela arte pré-colombiana, mergulhou intensamente nos museus e ruínas. A primeira série de desenhos a bico de pena são de 1967, em Paris.

A partir dos 16 anos de idade criou inúmeros trabalhos geométricos advindos da simplificação das artes da Oceania, África e Américas. Dos estudos a guache partiu para pinturas a óleo que lhe renderam prêmios nos salões de arte contemporânea da época.

Em 1979 decidiu ser médico. Nesse período, suas pinturas eram escuras, depressivas; desenvolveu a colagem e iniciou uma busca pelo domínio do desenho. Em 1993, conheceu e trabalhou como médico, junto aos Xavantes; tendo se formado mestre em Saúde Pública, pela Fiocruz. Seguiu com os indígenas até 2001. Desse ano em diante dedicou-se exclusivamente à arte, explorando e pesquisando diversas linguagens, tendo a “linha” como base primordial que, por vezes, revelou uma nuance construtivista, sem deixar de lado o vasto universo das cores da pintura a óleo; recentemente, incursionou na técnica da têmpera e na pintura mural em azulejo.



GALERIA CONTEMPO
Marina Felmanas
Monica Felmanas

ATENDIMENTO AO PÚBLICO
Jackeline M. G. Ribak

ASS. COMUNICAÇÃO
Adelante Comunicação Cultural

REDES SOCIAIS
Roberta Vasconcelos C. Mendonça

MONTAGEM
Edilson Pires
José Ricardo dos Santos
Valdenor de Jesus Santos

EQUIPE ADMINISTRATIVA
Fábio Lemes de Moraes
Marcelo Antonio Pereira

DESIGN GRÁFICO | EDITORAÇÃO
Via Imprensa

FOTOGRAFIA
Sérgio Guerini

REVISÃO
Patrícia Canetti